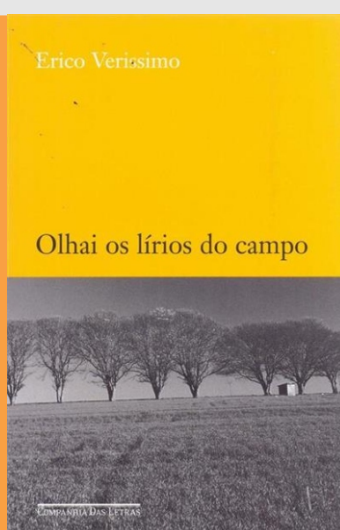


Primeiro best seller de Erico Veríssimo (1905-1975) - um escritor brasileiro que com uma prosa simples e de fácil leitura, tornou-se um dos escritores mais populares da literatura brasileira – o romance, ***Olhai os lírios do campo*** representou uma guinada na carreira literária do escritor. Várias edições se esgotaram em poucos meses. Segundo Erico, o sucesso foi tão grande que teve a força de arrastar consigo os romances que publicara antes em modestas tiragens. Seu trabalho mais conhecido, todavia, é a trilogia ***O Tempo e o Vento***, publicada entre 1949 e 1962. Em ***Olhai os lírios do campo***, o pai, do também escritor, Luis Fernando Veríssimo, conta a história de Eugênio Pontes, moço de origem humilde, que a custo se forma médico e, graças a um casamento por interesse, ingressa na elite da sociedade. Nesse percurso, porém, é obrigado a virar as costas para a família, deixar de lado antigos ideais humanitários e abandonar a mulher que realmente ama. Sensível, comovente, ***Olhai os lírios do campo*** é um convite à reflexão sobre os valores autênticos da vida.



Com extensa programação, o ***Museu do Pontal*** celebra 50 anos. O Museu do Pontal é um museu particular que abriga o maior acervo de arte popular e artesanato do Brasil, sendo o mais importante do país nesta área cultural; foi criado pelo francês naturalizado brasileiro Jacques van de Beuque em 1996, no entanto, o embrião desse museu nasce em 1976, quando Beuque promove uma exposição de sua coleção no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), que foi considerada a maior e mais completa exposição de arte popular brasileira até então. O Museu é considerado uma referência turística e antropológica não só no Brasil, mas em todo o mundo" de acordo com o International Council of Museums (ICOM), órgão associado à Unesco. É o principal espaço no Brasil para a guarda e celebração da criação dos artistas das camadas populares. Seu acervo é composto por mais de 10.000 peças de 300 artistas de 21 estados brasileiros, produzidas desde o século XX. A entrada no Museu do Pontal é gratuita para todos. Entretanto, eles aceitam uma contribuição mínima de R\$ 20 dos que puderem apoiar as atividades do Museu. Os valores arrecadados são investidos no programa educativo e na manutenção das instalações. Museu do Pontal - Av. Célia Ribeiro da Silva Mendes, S/N – Barra da Tijuca, Rio de Janeiro – Ao lado do condomínio Alphaville. Aberto de quinta a domingo, das 10h às 18h (O acesso às exposições se encerra às 17h30, meia hora antes do horário de fechamento do museu). Os ingressos, bem como a contribuição voluntária, podem ser retirados na plataforma Sympla ou na bilheteria do Museu.



Boi Bumbá, móbile em aro de metal com esculturas em madeira de buriti, obra do maranhense Nhozim (1904-1974).

Do poema grego de Homero, ***Odisseia***, estreou nos cinemas uma nova versão da aventureira jornada de Odisseu (Ulysses), em seu retorno, de dez anos, para o seu reino, Ítaca, e para a sua amada, Penélope, após sua participação ativa na vitória dos gregos sobre os troianos – sendo, sendo dele, inclusive, a estratégia do cavalo de Troia. O longuíssimo ***A Odisseia*** (2h 52min) foi escrito e dirigido por Christopher Nolan. É estrelado por Matt Damon como Odisseu; Tom Holland como Telêmaco, filho de Odisseu e príncipe de Ítaca, que está determinado a encontrar seu pai; Anne Hathaway como Penélope, a esposa de Odisseu, mãe de Telêmaco e a rainha de Ítaca, que repele muitos pretendentes na ausência do marido; Lupita Nyong'o em um papel duplo como Helena de Troia, esposa de Menelau e a mulher mais bela do mundo, cujo rapto desencadeia a Guerra de Troia e como Clitemnestra, irmã de Helena e esposa de Agamenon, cujo casamento é conturbado e grande elenco. O filme, que foi recebido com aclamação pela crítica, em especial à direção de Nolan, apesar de ter gerado debates sobre sua precisão histórica, arrecadou 1,29 bilhão de dólares e estabeleceu diversos recordes para Nolan, conta a longa e perigosa jornada de volta para casa, do herói grego, Odisseu, após a Guerra de Troia, narrando seus encontros com seres míticos como o Ciclope Polifemo, as Sereias e a feiticeira-deusa Circe, enquanto tenta se reunir com sua esposa, Penélope. Não à toa, a palavra odisseia virou sinônimo de uma viagem longa, difícil e cheia de peripécias, reviravoltas ou obstáculos inesperados. Disponível nos cinemas.



Você sabia?

Você sabia que o circo no Brasil começou no século XIX? Existem sinais de que as artes circenses já eram praticadas há 4 mil anos em várias civilizações da antiguidade, desde a China, Grécia, Egito e Índia. Entretanto, foi no Império Romano que o circo se desenvolveu nos moldes parecidos ao que conhecemos hoje. A palavra circo tem origem no latim circus, que significa círculo. O termo remete às arenas romanas, lugares onde se praticavam esportes e lutas. O primeiro grande circo que se tem conhecimento foi o Circus Maximus, construído por volta do século IV a.C. tinha capacidade para 150 mil pessoas e exibia corridas de carruagens, lutas de gladiadores, apresentações com animais ferozes e com pessoas com talentos incomuns. Depois de um incêndio, o Circus Maximus foi substituído, em 40 a.C., pelo Coliseu. No século XVIII, na Inglaterra, os circos ganharam características modernas. No século XIX, muitas famílias europeias vieram para o Brasil e compartilhavam a vida coletiva e manifestavam suas habilidades circenses. O circo brasileiro está muito relacionado com as comunidades ciganas, que levavam uma vida nômade, sempre se mudando de lugar. Havia apresentações ao público com atrações como ilusionismo e doma de animais ferozes. O palhaço ganhou características diferentes do personagem europeu, que lá é mais calado, realiza mais mímicas e possui um humor sutil. Aqui o palhaço já tem características mais efusivas, muito falante e geralmente utiliza humor sorrateiro. Palhaços que fizeram muito sucesso no Brasil foram Piolin, Arrelia, Carequinha, Fuzarca e Torresmo.



Circo (1932), obra de Portinari